


O PAJUBÁ COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n4-051>

Data de submissão: 07/03/2025

Data de publicação: 07/04/2025

Maria da Guia Taveiro Silva

Dra. em Linguística (UnB)
(UEMASUL)

E-mail: maria.silva@uemasul.edu.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1232401137711458>

Marllon Brendon Pereira Silva

Mestrando em Letras (UEMASUL)

E-mail: marllonbrendon@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8602950767452889>

RESUMO

O trabalho faz parte da linha de pesquisa Literatura, diálogos e saberes do PPGLe/UEMASUL, e tem como objetivo analisar o pajubá como uma ferramenta para o ensino de língua portuguesa apresentando possíveis ideias para se trabalhar o mesmo em sala de aula, tendo como procedimentos metodológicos uma abordagem qualitativa e descritiva, o trabalho volta-se aos professores, em específico, de língua portuguesa. Utilizando teóricos e pesquisadores como Bortoni-Ricardo (2021), Netto Junior (2018) e Torres (2019) para referenciar a fundamentação deste trabalho, buscou-se então refletir inicialmente o contexto histórico do surgimento do pajubá, em seguida, procurar entender sua importância para, assim, chegar a conclusões sobre o pajubá ser um dialeto ou variação linguística, e também como utilizá-lo no ensino e nas salas de aula.

Palavras-chave: Pajubá. Ensino. Comunidade LGBTQIA+. Língua portuguesa.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho faz parte da linha de pesquisa Literatura, diálogos e saberes, do PPGLe/UEMASUL, e tem como objetivo analisar o pajubá¹ como uma ferramenta para o ensino de língua portuguesa apresentando possíveis ideias para se trabalhar o mesmo em sala de aula. Trazendo esta variação linguística como nova metodologia para os profissionais da educação, o pajubá faz parte de uma dinamização do português brasileiro, que apesar de ter inicialmente um público específico de falantes, hoje faz parte do vocabulário de toda uma sociedade, mas nunca deixará de lado seus primórdios de uma fala de resistência.

Adentraremos no contexto histórico para entendermos como se originou este jeito diferente de se comunicar e, assim, percebermos que ao contrário do que muitos pensam, e utilizando aqui de um bordão usado pela comunidade LGBTQIA+, assim como “travesti não é bagunça”, o pajubá também tem seu conjunto de especificidades que o tornam único e legítimo para ser usado e analisado. Por conseguinte, também veremos sobre onde podemos inserir essa fala e essas palavras e tentar enquadrar para possivelmente descobrir se estamos tratando de um dialeto ou de uma variação linguística.

Assim, temos como uns dos referenciais teóricos deste trabalho estudos de Bortoni-Ricardo (2021), Netto Junior (2018) e Torres (2019), que abordam as especificidades do pajubá e nos acompanharão nesta leitura onde temos também como um dos procedimentos tecnológicos para a construção, a análise do “Aurélio - a dicionária da língua afiada”, que é um dicionário que contém mais de mil palavras que são utilizadas não mais só pela comunidade LGBTIA+, mas pela de todo o país.

2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO PAJUBÁ

É sabido que o continente africano e o Brasil têm muitas similaridades, um exemplo disso são os aspectos culturais que foram transpassados desde o período de escravidão, portanto vemos atualmente diversos traços herdados e interligados a nossa língua portuguesa, como também na alimentação e religiosidade. Essa herança torna o Brasil como um país de pluralidade e presente no nosso cotidiano naturalmente implantado, um exemplo disto seria muitas palavras que são de origens de religiões africanas e que são utilizadas pelos brasileiros no dia a dia, como dengo, cafuné, caçula, moleque, cachaça e fubá. (Carta Capital, 2017)

¹ O termo “pajubá” na comunidade LGBTQIA+ tem o significado de fofoca, novidade e para as religiões de matrizes africanas esta palavra também tem sentido parecido como algo novo ou até mesmo uma notícia. No texto o pajubá é ressignificado como uma palavra que dá nome a todo o conjunto de termos utilizados pela comunidade LGBTQIA+.

Não diferente no pajubá, temos também uma apropriação de outras formas de linguagens, como o idioma iorubá, cujas suas origens permeiam o oriente médio, e seus termos no Brasil resistem e são utilizados no candomblé, uma religião afro-americana que chegou em terras brasileiras por volta do século XIX. Também, se tem a umbanda, que é uma crença afro-brasileira com mais de 400 mil adeptos, contudo na linguagem as duas também diferem entre si como afirma Netto Junior (2018):

Na umbanda reza-se e cultua-se os seus atos em português e seus orixás se fundem com os santos do catolicismo. Já no candomblé, as raízes linguísticas africanas são mantidas, ou seja, os principais rituais da religião são realizados e cantados em iorubá, motivo importante para apontar a influência do candomblé nas gírias do pajubá (Netto Junior, 2018, p. 6).

Dentro desses espaços chamados terreiros nos quais religiões como estas estão inseridas, há uma presença forte de membros da comunidade LGBTQIA+, especificamente homossexuais, travestis e transexuais. Por conta de as mesmas trazerem aceitação e um sentimento de pertencimento de mundo para suas vidas, a participação nas reuniões, cultos e rituais começou a se tornar mais assídua, pois dentro dessas religiões de matriz africana, membros da comunidade se sentem mais seguros e livres de preconceitos.

Devida a essa aproximação, palavras utilizadas dentro desses espaços começaram a ser utilizadas pela comunidade LGBTQIA+, que levou para fora dos terreiros novas significações. Portanto, Vieira (2022, p. 23) diz que “o iorubá, antes conhecido como ‘um idioma escravizado’, possibilitou mudanças linguísticas no português brasileiro como o surgimento do pajubá entre os/as homo/transexuais praticantes do candomblé”.

E com isso temos a popularização desta forma individual de expressão que se estendeu e se consolidou na sociedade, certo que se têm um público específico de falantes, mas isso não abstem o fato de que outras pessoas que não pertencem a comunidade estão se apropriando também desse jeito de comunicar. Permeando essa contextualização, menciona-se também a nomenclatura desse dialeto ou variação linguística:

No contexto das religiões, a palavra *pajubá* é utilizada no Brasil para caracterizar uma linguagem constituída por palavras e expressões provenientes de línguas africanas, muito utilizadas por religiões como candomblé e umbanda. No meio LGBTQ+ a palavra *pajubá* se refere ao arcabouço de palavras usadas por eles, ou seja, é uma espécie de vocabulário LGBTQ+ (Netto Junior, 2018, p. 8).

Uma tradução rápida no *google translate* apresenta a palavra *pajubá* com o sentido de algo repentino, que acabou de acontecer. No dicionário iorubá a mesma significa “em conversa”, o que não foge tanto do significado para a comunidade LGBTQIA+, que é um abraçamento de todas as palavras

utilizadas, é um termo mais abrangente, *pajubá* se tornou o nome do dialeto, ganhando força na comunidade e sendo tão rico e completo, traz consigo também um dicionário, Aurélia.

O nome acredita ser uma espécie de brincadeira com o renomado dicionário Aurélio de língua portuguesa, escrito por Aurélio Buarque, mas essa nova versão repaginada e formulada, pelo pesquisador Fred Libi e o jornalista Vitor Angelo Scippe, apresenta cento e quarenta e três páginas de palavras, expressões e termos utilizados pela comunidade LGBTQIA+, bem como pela sociedade, essa consolidação foi publicada em 30 de maio de 2006, sendo o mesmo citado no ENEM de 2018.

Bortoni-Ricardo (2021, p. 53) nos diz que “A forma como os humanos estabelecem uma conversa tem sido objeto de estudo de cientistas, particularmente daqueles voltados para a análise da conversação. Esses estudiosos levam em conta a cultura da comunidade a que pertence o indivíduo”. Assim, esta forma de expressão, que foi adotada pela comunidade até chegar à organização de um dicionário, levou em conta também aspectos culturais por existir palavras dentro dela como *erê*, que significa criança ou homem mais novo na comunidade e, também, é um orixá com comportamentos infantis dentro das religiões de matrizes africanas.

Essa variante dialética surge como uma forma secreta de se comunicar, de certa maneira, não perde sua tradução literal. Outra palavra que mantém o mesmo significado é “Ilé” que em tanto em Pajubá, como em Iorubá, significa “casa”. Temos também: “Orum” e Olorum”. A primeira em Pajubá significa “céu”, ela perdeu algumas letras da sua forma original, mas mantém uma sinonímia, pois, em Iorubá “Olorum” significa “reino de Deus”. Outra palavra que mantém relação de sinonímia é “Ere”, tanto no Pajubá quanto no Iorubá, estão ligadas ao mundo infantil, as crianças (Nascimento et al, 2021, p. 15).

3 ALÉM DO LACRE

Trazendo inicialmente esse caráter religioso, percebemos, então, que os terreiros de candomblé e umbanda se tornam espaços acolhedores para que a comunidade LGBTQIA+ se sinta confortável em um ambiente onde possa exercer sua liberdade de expressão e ser quem são, com isso, os termos foram apropriados de maneira criativa e, também, como uma forma de resistência, trazendo singularidade e pertencimento. Em uma entrevista para a revista Trip, em 2019, Neon Cunha ao ser perguntada sobre a frase mais marcante de sua vida diz em pajubá:

“Mona erê aquenda os ojus, se os alibans cosicarem/aquendarem no corre cosica as endacas pras monas acá deaquendarem.” A frase é pronunciada facilmente pela designer quando perguntada sobre qual a expressão mais marcante do dialeto em sua vida. As palavras na voz dela soam como música, mas o significado não é tão bonito assim. “Novinha, fica de olho. Se os policiais entrarem no ônibus, avise para a gente sumir”, traduz Neon (REIF, 2019, p. 1).

A frase pronunciada por Neon reforça o conceito do pajubá como um dialeto de resistência, em época de ditadura militar onde houve perseguições à comunidade LGBTQIA+, tendo como foco principal homossexuais e transexuais, este dialeto era utilizado como mecanismo de defesa para que pudessem se comunicar entre si sem que toda a sociedade soubesse o que estavam falando, como também para avisar situações perigosas para os mesmos e despistar os perseguidores, que não tinham conhecimento dessa linguagem, de certa forma codificada.

Operação Tarântula foi o nome que deram ao tremendo caos de preconceito que foi instaurado nos anos 80, pois foi com a desculpa de “higienizar” a cidade de São Paulo, que perseguiram pessoas trans e travestis que tinham as ruas dessa metrópole como fonte de trabalho, mas além dessas tiveram outras inúmeras operações pelo país com o mesmo objetivo de reforçar a repressão e repulsa que a ditadura instaurava entre 1964 e 1985 e que, também, se estendeu por um tempo no pós-ditadura.

Certo que não chegamos ainda num modelo de país e de mundo que seja seguro para pessoas da comunidade LGBTQIA+, mas muito se tem crescido e avançado em termos de visibilidade, e acreditamos que o pajubá contribui para que isso possa vir a acontecer. As palavras que antes eram utilizadas de maneira exclusiva por membros desta comunidade em questão, hoje são pegadas na boca de pessoas que simpatizam com ela ou até mesmo de héteros não simpatizantes.

4 DIALETO OU VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?

A priori buscamos entender os conceitos básicos de cada um desses termos antes de tentar fazer um posicionamento acerca de um deles, pois em se tratando de pajubá, muitas situações podem ocorrer, ele é abrangente e aparece em várias significações. O fato é que para cada terminologia dessa, seja como dialeto ou como variação linguística teremos pesquisadores que defenderam um ou outro, mas vejamos do que se trata.

O dialeto inicialmente é definido por uma variação na língua, sendo a mesma tida como informal e falada pelas classes mais baixas, o dialeto se encontrou inserido numa sociedade que procurava um polimento da língua. Assim essas diferentes formas de se comunicar, sendo ela por usos de palavras que não pertenciam a norma culta, era tidas como erradas e isso alimentava cada vez mais o preconceito linguístico.

Ainda conceituando, Fernandes (2014) concorda ao dizer que:

O dialeto é produto dos processos de transição da língua, é uma particularidade, pode ser um resquício, pode conter apenas as matrizes linguísticas que lhe deram origem, mas está sempre transitando através da língua oficial, que o considera sempre uma ameaça à tradição, às regras, ao *status quo* mantido pela língua padrão (Fernandes, 2014, p. 81).

Logo temos por dialeto uma linguagem específica de algumas comunidades que a mesma existe simultaneamente a língua portuguesa, um dialeto não interfere no funcionamento da língua, mas pelo contrário, fortalece a pluralidade da língua existente. Tida suas variações de inúmeras circunstâncias, cita-se o exemplo do Rio Grande do Sul, que por ser um estado de colonização italiana, dentro dele há lugares que os moradores se comunicam por um dialeto específico chamado Vêneto que veio com os imigrantes do norte da Itália.

A língua, portanto, pode ser falada de diversas formas devido aos lugares e situações que ela é inserida, tendo a mesma sempre um contexto histórico. O português brasileiro não é o mesmo falado em todo o território, são situações econômicas, sociais, etárias, por ancestralidades e outras infinitudes de objetivos que podem trazer uma nova roupagem para a língua portuguesa.

Intentando identificar pajubá agora como variação linguística, o site Brasil escola em uma de suas publicações escrita por Mariana Rigonatto (s.d.) diz que “a variação linguística é a diversificação dos sistemas de uma língua em relação às possibilidades de mudança de seus elementos”. E complementa afirmando que “ela existe porque as línguas possuem a característica de serem dinâmicas e sensíveis a fatores como região geográfica, o sexo, idade, classe social do falante e o grau de formalidade do contexto da comunicação” (n.p).

Vejam os um exemplo geográfico, no Nordeste o sotaque específico está relacionado à colonização portuguesa em conjunto com a influência da francesa ao longo dos anos, e isso com o passar do tempo foi se originando um modo único de falar que nem sempre é compreendido por outras regiões do mesmo país, como a Sudeste. São particularidades de uma determinada região que se inserem no conceito de variação diatópica (geográfica) e, portanto, constituem variação linguística.

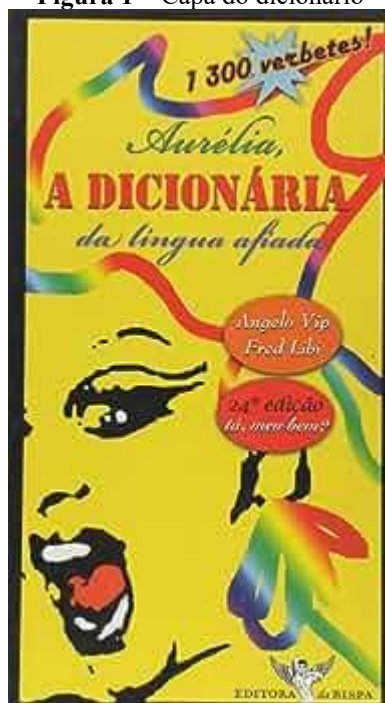
Em se tratando da histórica tem a se entender que é aquela que sofre variações com o decorrer do tempo, um exemplo claro disso é a palavra “você” que antes era utilizado “vossa mercê”, depois “vosmecê” e chegando até os dias atuais em que nas redes utilizados é apenas a sigla “vc” e também apenas a letra “c” com o mesmo sentido e significado. Trazendo para a oralidade a mesma palavra também é ouvida como “cê” ou “ocê”, é uma construção e adaptações que a sociedade vai fazendo no costume de objetivar a língua, deixá-la mais prática.

Dentro de uma comunidade de fala, a variação é a chave para a mudança, ou melhor, vai tornar possível que uma mudança ocorra. Tal fato não significa, no entanto, que toda variação está necessariamente ligada à mudança, mas as mudanças envolvem variação (Chaves, 2006, p. 23).

O pajubá então é utilizado dentro do conceito de variação social, que também é chamado de variação cultural, pois é uma fala de um determinado grupo da sociedade que pelas suas atividades, preferências, setores e até mesmo níveis de situação econômica, acabam adotando palavras que passam a ter significados diferentes, e por conta disso, não serem compreendidos por outras pessoas que não fazem parte do grupo ou no caso do pajubá, da comunidade LGBTQIA+.

Com a variação social solidificada, o pajubá não ficou apenas na boca dos membros desta comunidade, por ser um vocabulário extenso com centenas de palavras, a sociedade foi presenteada com um dicionário chamado *Aurélia*.

Figura 1 – Capa do dicionário



Fonte: Google imagens, 2023.

Algumas das palavras de origem iorubá presentes no *Aurélia, a dicionária da língua afiada* (2006) são:

1. Adé – homossexual masculino; bicha
2. Bajé – sangue
3. Coió – bater em alguém, xingar alguém
4. Cuã – casa, apartamento
5. Elza – roubo

São centenas de palavras que compõe este dicionário, uma curiosidade sobre o mesmo é que nem todas as palavras que fazem parte deste livro são de origem iorubá, muitas delas foram

originalizadas no linguajar popular brasileiro, que algumas que antes eram proferidas como insultos e preconceitos contra os membros desse movimento, foram ressignificadas trazendo pertencimento e inclusão. Entendido esses conceitos buscamos então saber como estabelecer uma relação do pajubá com o ensino de língua portuguesa.

5 PAJUBÁ E ENSINO

A língua portuguesa é mista em diversidade e o pajubá apenas complementa esse pensamento de uma variação que foi originada por uma comunidade, transpassada a outra e assim solidificada com novas significações e sentidos. Se temos um dicionário específico com centenas de palavras que fazem parte desse contexto, temos então o que estudar e falar sobre, portanto iremos buscar enquadrar o pajubá nas nossas aulas de língua portuguesa inicialmente pelo tópico já abordado anteriormente.

Nada melhor que o pajubá para levantar em sala com nossos alunos uma discussão acerca de socioleto, dialeto, variação linguística e dentre outras nomenclaturas relacionadas a esses conceitos que os teóricos abordam acerca dessas novas formas de se comunicar. Por conta do que o nosso país, a nossa sociedade através do movimento LGBTQIA+ nos apresentou, hoje não temos mais apenas palavras que representam resistência e irmandade, mas sim uma língua viva e em constante movimento.

Prova disso é o Aurélia, o dicionário da língua afiada, que não contém apenas palavras vindas do iorubá e que se faziam presentes nos encontros das religiões de matrizes africanas, mas temos inúmeras outras que faladas no cotidiano brasileiro em diversos estados do país, que não estão presentes de maneira culta e oficial no dicionário de língua portuguesa, mas que ganhou um significado a mais e um novo sentido na boca de nordestinos, paulistanos, potiguar e assim fez-se presente nesta obra que pode ser considerada como um apanhado da linguagem oral e verdadeiramente brasileira.

Como forma de catalogar todas as palavras do universo LGBT derivadas do Iorubá, Vip e Libi (2006) lançaram um dicionário intitulado: “Aurélia, a dicionária da língua afiada”, onde ficou registrada mais de 1.300 palavras, a maioria no feminino, e reunidas de todas as regiões do Brasil e outros países que utilizam o Bajubá. Circulam por toda a sociedade LGBT e que com seus respectivos verbetes possui as finalidades de difundir os seus significados, mostrar ao mundo quão amplo é o universo de conquista e luta de uma classe que resiste e luta por direitos iguais (Santos; Moraes; Silva, 2016, p. 28).

Como mais um exemplo para se trabalhar o pajubá em sala, podemos analisar o percurso semântico de algumas das palavras presentes neste dicionário, o autor Neurivan Gonçalves (2018, p. 9) nos dá um exemplo de como isso pode ser trabalhado, onde inicialmente podemos estudar a fonética

da palavra para saber se teve alteração do decorrer dos anos, logo após seu significado, utilização e conclusões semânticas. Analisando a palavra “erê” ele diz que:

O processo semântico percebido no percurso da palavra *erê* foi o de alteração de significado da noção de brincar para a noção de “ser espiritual infantil”, em que podemos salientar a relação entre os significados. Já o significado da palavra no âmbito do *candomblé* sofreu alteração ao ser incorporado ao léxico do *pajubá* por perder a conotação religiosa e manter apenas o sentido de “jovem/menino”. Assim, podemos caracterizar o processo de mudança como sendo ativado por contato semântico, o que ocorre quando um item lexical existente adquire um outro significado a partir de um contexto específico (Netto Junior, 2018, p. 10).

Como ferramenta linguística que abrange diversas áreas da língua portuguesa, o *pajubá* pode ser utilizado para aproximar o professor do aluno visto que o mesmo irá utilizar de um contexto que está mais próximo da realidade do mesmo. Na prova do ENEM em 2018, foi utilizado do *pajubá* em uma das perguntas e isso apenas refletiu a diversidade da fala e da oralidade presente em nosso país e encorajou professores para que possam dinamizar suas metodologias e técnicas no trabalho.

6 METODOLOGIA

Este trabalho teve por enfoque o estudo do *pajubá* como uma ferramenta no ensino de língua portuguesa, assim foi tido conhecimento prévio do que viria ser o mesmo e também das palavras que compõem esse dialeto, antes conhecida por experiência pessoal e logo após como recurso didático da pesquisa o “Aurélia, a dicionária da língua afiada”, que é uma obra que reúne inúmeros termos do *pajubá*.

Com isso foi sabido adotar uma abordagem qualitativa, pois a pesquisa foi embasada apenas em recursos bibliográficos e procedimentos metodológicos descritivos, acerca da abordagem qualitativa Creswell (2010, p. 209) diz que: “a pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem”. A isso foram externadas uma conceituação histórica e a importância do nosso objeto de estudo.

Então buscamos inserir o nosso corpus do estudo ao ensino de língua portuguesa apresentando o mesmo como ferramenta viável e plural para que isso aconteça, os referenciais teóricos foram escolhidos em critérios de atualidade e principalmente por obterem pensamentos progressores na construção de novas metodologias de ensino, pois precisa-se ter uma visão ampliada para se trabalhar com temas que ainda causam estranhamento a sociedade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a priori estudado, o pajubá pode se enquadrar em diversos conceitos de variações linguísticas e o próprio dialeto como também socioleto que não é mencionado neste trabalho, ambos fazem parte e são tipos de variações do nosso português brasileiro. É sabido que agora temos uma variação consolidada e que não é apenas só presente na comunidade LGBTQIA+, mas sim em todo o país, prova disso é o próprio dicionário que engloba mais de 1000 palavras que vão além do iorubá e que foram significadas no cotidiano de diversos estados e cidades do Brasil.

Portanto tendo mencionado isso, o pajubá ganha a sua importância por transcender um dialeto de resistência e proteção, pois é para isso que ele foi originado, é dentro dessa perspectiva que a comunidade LGBTQIA+ e em especial as pessoas trans e travestis tinham nessa forma de falar a sua segurança, o seu estado de não se sentir sozinha, mas mesmo com as palavras tem em si uma arma contra a ditadura militar que na época era agressora e não era familiarizada com esse linguajar específico. Assim foi ganhando força e se espalhando tendo hoje um grande reconhecimento sendo estudo e analisado por inúmeros pesquisadores.

Contudo, dentro do ensino de língua portuguesa, o pajubá nos ajuda a trabalhar com nossos alunos, diversas perspectivas lexicais além de ser um exemplo vivo para se aprender sobre variação linguística, não quero aqui me posicionar sobre o que acho que o pajubá deveria ser, pois assim como a comunidade em que ele foi iniciado é um movimento de inclusão e diversidade, na língua portuguesa o pajubá também pode ser tudo, e dentro da sociolinguística mais ainda.

REFERÊNCIAS

BORTONI RICARDO, Stella Maris. **Português brasileiro**: a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2021.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERNANDES, Márcia Regina. LÍNGUA E DIALETO: uma discussão teórica sobre a variação e o preconceito. **Maiêutica-Estudos Linguísticos, Literários e Formação Docente**, v. 2, n. 1, 2014.

NASCIMENTO, Vanessa Mirele S.; MARIANO, Nazarete Andrade; SANTOS, Cosme Batista. Dialeto pajubá: marca identitária da comunidade LGBTQIA+. **Grau Zero-Revista de Crítica Cultural**, v. 9, n. 2, p. 67-95, 2021.

NETTO JUNIOR, N. G. **O percurso semântico de alguns vocábulos do pajubá**: gírias faladas pelas bichas. Universidade de Brasília, 2018.

REIF, Laura. De onde vêm as raízes históricas do pajubá, o dialeto LGBTQ+ que já foi usado como linguagem em código e instrumento de resistência. **Revista Trip**. São Paulo, 11 ago. 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/> Acesso em: 04 ago. 2023.

RIGONATTO, Mariana. “O que é variação linguística?”; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-variacao-linguistica.htm>. Acesso em: 05 de Ago. 2023.

SANTOS, Eline Samara de Souza; MORAES, Ioleni Ribeiro de; SILVA, Ruany Maira da Silva. **BAJUBÁ**: “Linguagem” como traço identitário do segmento LGBT. Macapá, 2016.

TORRES, Martiano. M. M. **A Manifestação Do Dialeto Pajubá Na Música Queer Brasileira**. Goiânia, 2019.

VIEIRA, Eduardo Alves. O uso de gírias e expressões lgbtqia+ por mulheres cis heterossexuais. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 20-42, 2022.

VIP, A. & LIBI, F. **Aurélia**, a dicionária da língua afiada. São Paulo: Editora da Bispa, 2006

Sem autor: Conheça as palavras africanas que formam nossa cultura. Carta Capital, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/as/palavras/que/herdamos/da/africa/amp/>. Acesso em 10 de out. 2023.

CHAVES, Elaine. A implementação do pronome “você”: a contribuição das pistas gráficas. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.